

"Progressista" era o título do
partido político chefiado por Flinze Pi-
beiro, e que tinha no seu seio fi-
guras como João Franco, Pi-
mentel Pinto, João de Vilhena,
Campos Gledimier, Teixeira de
Lousa - que foi o último presiden-
te de ministério da monarquia.

Progresista chamava-se o par-
tido cujo "líder" era José Luciano
de Castro e substituído dele, Francis-
co da Veiga Peim, Lourenço Gomes,
Eduardo de Barros e Cândido
de Unzué. José Maria de Albuquerque
suas figuras mais destaca-
das. Estes dois partidos monárqui-
cos que se formavam com o
advento do liberalismo, manti-



ultra como que o monopólio
de poder político da monarquia,
querendo-se e sucedendo-se
temporariamente no governo da na-
ção. O Progressista, sem
falta de tendências mais liberais, nem
sempre o demonstrava prática-
mente tendo o "Epigonal" por
seus actitudes e resoluções mais
audaciosas.

Tinham como órgãos na
imprensa o "Diário Ilustrado"
e o "Conceito da Noite" respectiva-
mente republicanos e progressistas.

Além destes dois jornais havia
ainda as "Novidades" dirigida por
Fernando Navarro e "O Tempo", in-
dependente sob a direcção de José
Caras Fehrino. "Diário Popular" M. de
Carvalho
As cortes estavam então dividi-
das, como agora, o Parlamento em
duas Câmaras - dos Pares e dos
Deputados. A primeira era

constituída pelos nobres - que se
sucediam hereditariamente e
por umas tantas figuras polí-
ticas - ex. ministros, etc. - rela-
feição mais ou menos do gover-
no vigente. O rei, tendo o
direito de veto positivo e dissolvo-
a Câmara dos Deputados quando
a opposição o estorvava demasia-
do. Na Câmara dos Pares, igu-
talmente, como se disse pelos nobres,
e antigas figuras políticas que a
missão era preciso substituir, in-
telligente e sei, a conselho do parti-
do reinante, os elementos que con-
tribuíam à sua política, mais
fardos, os também por os seus
tutores de modo a conseguir o
seu resto favorável.

O país estava mais ou menos
indignado com a maneira como os
negócios públicos eram adminis-
trados, engrossando dia a dia a
corrente republicana - a qual por
meias manifestações publi-

em datam de 1880

Des primeiros indivíduos que
apareceram a afirmar a sua fé
republicana podemos citar a
infatigável Angeolina Kichat, do
tiro Coelho, Henrique Nogueira,
Eliaz Garcia, Manuel de Azevedo
da Silva, Sebastião Magalhães Lima,
Gustavo de Azevedo, João de Azevedo, Pedro
de Azevedo, Conde de Albuquerque, João
de Azevedo, etc.

cujas actividades se desenvolveram
em menor em Lisboa, Pedro
de Freitas, José de Azevedo
da Silva (Bruno), Barão de Teles,
Meneses da Costa, Duarte de Azevedo,
etc.

no Porto, José Talcau, Manuel
Emídio Garcia, Fernandes Costa,
Cassiano Martins Ribeiro, Ant.
Augusto Gonçalves

em Coimbra Jacinto Nunes, em
Guimarães e alguns aliter, a mani-
festaram - por influencia de
republicanos desde sempre e

avultos outros elementos espalha-
dos por todo o país.

For a altura do centenário de Camões,
em 1880, formou-se
então o Partido Republicano Portu-
guês que se reuniu desde logo no sen-
tido todos os republicanos.

Em elementos antigos - como os que
aqui ficam - juntaram-se então em
Lisboa, Brito Camacho, Gonçalo
Costa, Felizardo Salgado, Francisco
Borges, Egidio de Sousa, Eduar-
do de Azevedo, Borges Frainho

em Coimbra António José de Almeida,
Afonso Costa, Malva do Vale, Feres de
Carvalho, Jerónimo Pereira da Sil-
va, Santos Mouta, Prochamo de
Carvalho, Silvestre Talcau

e no Porto, Feliza Correia, Joaquim
de Azevedo, Azevedo, Matheus, tenen-
te Maria Coelho, João Chagas


(1) Formou-se no ano anterior quando do
queda de Fortes Pereira de Melo



Jornais republicanos appareceram
então em Coimbra o "Defensor do Povo"
dirigido por Joaquim Teixeira de Car-
valho, prof. de Medicina que se
ne figurar tam bem entre os pri-
meiros repub. da cidade de Monde-
go, no Porto a "Republica Portuguesa"
dirigida por Santos Cardoso,
a incluiu entre los elementos do des-
taque do Porto, jornaes muito pro-
curado especialmente pela cidade
com de João Chagas. E em Lisboa
"O Seculo" dirigido então por
Magalhães Lima, e "A Folha do Povo"
a 11 de Janeiro de 1890 do "Ultimato",
perante o qual o rei e o governo se
curvaram perante a indignação vi-
brante de todo o pais.

As manifestações patrióticas são
frequentes, a Inglaterra é vicia-
da por toda a parte sendo o comi-
ciol obrigado a avançar ou at-
terrar. As tabuletas em que
se fazem referencias a Gran Bretanha

tambem. Aparente então a ideia
duma grande submissão nacional
para a compra de navios de guerra
para oferecer ao governo iniciati-
va que é levada a cabo por re-
publicanos e republicanos unidos
tudo como portugueses e a man-
gem das suas divergências poli-
ticas.

Gracas a esta submissão a arma
da portuguezes foi aumentada de
mais tres barcos - o "Admirante"
o "S. Gabriel" e o "S. Rafael".
O "Ultimato" não dá, porém ori-
gem a manifestações patrióticas.
O Partido Republicano julga pro-
prio o momento para lançar a
ma mais movimento revolu-
cionario para o que se faz em Lisboa,
Coimbra e Porto a necessarios pre-
paração. Em  os
estudantes de Coimbra lançam a

o "Ultimato" dirigido por Afonso Costa e onde a J. de Al. publico o famoso artigo "Branquismo e ultimato" que lhe custou 3 meses de cadeia naquelle cidade.

Um minimis tempo por se reunir aquelle partido o qual foi condecorado, presidido por José Dias de Vasconcelos, independentemente, amissiono - o porquê a J. de Al. não accede a amissiono.

O movimento em curso e mar- cade para o dia 31 de Janeiro de 1894. Nas proximidades, porém, desta data a Directão emia ao Sr. D. um delegado - homem Cristiano - a fim de impedir que estalasse naquela data, dado não ter sido possível preparar o conveniente movimento em Lisboa e Coimbra. No Porto persiste a opinião e do-se a resulto que e pronto e facilmente se arranjado na Rua de Santo Antonio. São presos e julga- dos a bordo de uma fragata em

Leixões alguns dos implicados a quem se juntou João Chagas ao tempo preso na Pretação daquela cidade. Condannação prescisa - 5, 10, 20 annos, esta para o capitão Leitão que comandava a frota, que subia a S. Antonio mas que só mais tarde foi preso de por ta- ras para a Africa, exilio de al- guns republicanos.

O movimento repub. como pri- meira consequencia d'ello fracasso, de- cai. (1) (2) Art. J. de Almeida, archue a sua fundatura e parte para S. Tomé. Passam-se annos em que se fazem, sem exito, algumas tentativas para levantar o partido.

Morre Rafael Bordalo Pinheiro, o grande caricaturista da "Paródia." No seu funeral fala com gran- de calor e enthusiasmo um indi- viduo desconhecido de quasi todos os presentes. Quem e? pagu- ta-se. Em Antonio José de Almeida

da cuja fidelidade era já conhecida
em Coimbra. Começaram, então,
a formar a sua volta os republi-
canos de Lisboa, em um forma
tudo por os dos país. ^{em Lisboa}

Abel Correia, Lemos, Vanquar
da e Franco Borges o "Mundo".

Por este tempo appareu no Porto,
mundo de Brasil, Antonio Luiz
Gomes; Alfredo Magalhães ini-
ciou-se tambem na propaganda re-
publicana. José Sampaio (Primeiro)
publica no Porto a "Voz Republicana" e
Cl. Al. Coelho a "Voz".

O movimento rep. cresceu cada
vez mais: Guerra Junqueiro, até
então progressista, adere; Pas-
cual de Sousa Machado, que havia
sido já ministro das Obras.

2) Contudo por alguns da parte liberal, no
Porto os monopólios de terras e fazendas
indignos, como todos a população com
a mancha como havia sido organiz-
do o decreto sanitário e a falta de higiene
de, das e sem obter a três candidatos republi-
canos no Parlamento: Paulo Falcão, Xavier
Bastos e Agostinho Costa que ali está, do pue

Republicanas pelos regeneradores,
devendo-se a elle a criação em
Portugal das escolas industriais.
da tambem a sua adesão ao
movimento repub., seguem.
-rio Américo Branco e
Freire, Augusto José da Cu-
rta e outros.

E já uma força poderosa que
preocupa seriamente o monar-
quico originando ^{primo} a ditadura fran-
quista. A imprensa republicana
na atacava vibrantemente a fa-
milia real e o governo. O caso
dos adiantamentos àquelle dos sa-
natários da Medana, do tratado de
Lourenço Marques, do Bispo de
Beja, os roubos do Crédito Ter-
restre.

não tardam a arrepender-se os
monarquicos, pois os tres não têm
obtido a minoria dentro em pouco
a sua personalidade republicana,
especialmente H. Costa. ^{Anteriormente já haviam obtido}
naquelle tempo Manuel de Aguiar
e Eduardo de Azevedo, ambos pelas
ilhas.



dial, etc, forneciam largo mate-
rial para campanhas republi-
canas, puer no tablado, puer na
imprensa.

+ Um governo regenerado chefiado
por H. Ribeiro e tendo como transac-
ções financeiras garantidas. Se me podeser ha-
joí um tres annos. To fim J. F. assume
a parte do Interior como o propozi-
to de corrigir a chamada Coligação
com Liberalos ou seja um quartel, co-
mo se dizia hoje de republicanos
e monarchicos progressistas. Entre
nam nela por estes J. F. de Aguiar,
no de Castro, J. Maria Alvim,
Sebastião Teles, Vieira Bastos e
muitos outros. Esta coligação fze-
ra-se com o objectivo de procla-
mar a republica. Republicanos
e monarchicos confundiam-se
nas suas ideias, mas proscritas
incarnadas... Diz-se que J. F. de Aguiar
citra, com a promessa
da Presidencia da Republica e
21 contos por ano...

a oligarchia combatida violentamente
o governo. E J. F. de Aguiar, na
leitura "pue J. F. de Aguiar danca
trava uma longa polêmica com J.
de Aguiar Ferraz, e to me sempre a
propozito dos adiantamentos à casa
Real. Vive-se sempre a turvosfera
de grande entusiasmo.

^{em 1895}
Surpreto o Centenario de Santo
Antonio cujas festas a Casa Bragança
se propoz realizas. Elementos
avançados - manifestos - como
camo a combate das portadas a par-
te, o pue evita ainda mais o go-
verno... No dia de cortejo - com
procissão, arrijuntos, pedras, etc -
aqueles mesmos indivíduos
dançam sobre elle duma casa
da rua - uma porção
de manifestos pue operam de ino-
fusivos - por serem papéis pro-
rogam e chromo pãvico des be-
ratando o cortejo, dando origem
a pedras e a curras cridaes



do ministro do senhor a fazer
com as saias na mão julgam
de tratar e de explorar.

São poucos alguns dos autores do
pactado a tentado que acabam por ser
postos em liberdade visto não ter
havido da parte deles qualquer pro-
pósito inimico.

J. Franco não está porém con-
tente... Na occasião de Sr. Joyce
em Lisboa, appareceu um pletardo
mas foi preciso mais tarde
fôr publicadissima lei - de 13 de 1846 -
que autorizava o governo a deputar
para Timor o elemento, a na-
pistas. Para ali foram envi-
tos não regressando mais alguns.

(Dos três limonios. Tavares de
Carvalho - Antonio Severino e
Antes - todos tres considerados como
pistas - só o ultimo foi depor-
tado pois os outros baldearam
- se form o partido regenerador
evitando assim, a sua depor-
tação. Aquelles dois são hoje

o primeiro confiado notario
de Lisboa, substituido devido
à idade por um filho - o se-
gundo não sabemos que o facto de
le o terceiro - que chegou a
substituir um Timor o respec-
tivo governo (já que o seu).

A ligacão liberal torna-se uma
ameaca para a realza. Entao, o rei,
habitualmente devoto Quinte Rubens e
com ele João Franco e a influencia
do Partido Regenerador chamado para
o substituir o Partido Progressista
na pessoa do seu chefe J. de Costa.
Este não esperou mais. Desfaz a co-
ligacão e vai collocar-se ao serviço
do rei. Com este golpe o monarcha
conseguiu servir - servir so non-
to - o perigo que ameaca a monar-
quia.

É neste altura mais ou me-
nos que se dá a peste bubonica no
Porto devido a qual o governo ordena
um cordão sanitario a volta daque-
la cidade que lesando os interesses

de industria e commerciantes, especial-
mente, originaria ali uma reacção con-
tra elle por parte mesmo dos seus con-
religionarios. Dão-se eleições para
a Câmara dos Deputados e então
os monarchicos entendem-se com
os republicanos para uma lista
mixta com o propósito de ferir as-
sim o governo. Adolpho Costa, Ja-
vier Esteves e João Salgado são
os representantes republicanos para o
Voto elige, não tardando os monar-
quicos a suspender a sua ma-
joridade pois os tres - e especialmente
o primeiro - não tardam a assu-
mir na Câmara uma attitude
franquamente republicana, esca-
pulgando os innumerables escândalos
de então. (1)

João Leuciano de Castro cari, Le-
o Heintze Ribeiro. Por praezipuo
desinte ligências y Franco abre vista
no Partido Regenerador fundando Pa-
tido Regenerador Liberal, conseguindo

(1) anteriormente haviam estado por
naquelle câmara, pelas illhas, Manuel
de Arrigo e Edmundo de Abreu

justam a si algunos republicanos, mu-
dos quous. Me la e laura.

Passa-se tempo. Novas eleições
e o Partido R. Português envia como
seus representantes por Lisboa Afon-
so Costa, Alexandre Braga, Antô-
nio J. de Almeida e João de Al-
meida que mantêm ali uma for-
midavel campanha contra a re-
nascença.

João Maria de Albuquerque
entretanto, assad no Partido Pro-
gressista, levando consigo Ruben
na Bragança outros.

A questão dos adiantamentos
continua, porém por resolver.
Nem regeneradores, nem progre-
ssistas eram capazes de solucionar
aquelle buco de obra, não tratava
sua importância como opposição
dos republicanos que tinham ne-
la um inexigível fidei.

Então D. Carlos chama y Franco
que, estando incompartilhado com
os outros partidos da monarchia,
acorre à chamada.



Foi nova eleição sendo os de-
putados republicanos realçados e con-
tinuando no Parlamento a cam-
panha anterior.

E' então que, uma tarde e
ainda à volta da mesma questão,
afonso Costa pronunciou as célebres
palavras que haviam de originar
a sua expulsão do Parlamento
por algum tempo: "Por menos
razões que as de D. Carlos subiu
seu XIV ao occafalco". Alexandre
de Braga referindo-se à monar-
quia diz: "... neste falperra de
março e corvo: ..." Estas afir-
mações provocaram uma agitação
extraordinária na sala, a interrup-
ção da guarda e a expulsão dos
dois. Foi neste altura e perante
os golofeões que A. J. de Almeida, ar-
rebatido e animado, se lhe dirigiu lan-
çando a exortação que todos os ho-
mens daquelle tempo recordam:
"Soldados! Vós com essas baionetas
e eu com a minha voz ha-
mos através da cidade implantar

ter uma pátria nova!"

Estas afirmações publicadas
em "O Leitor" em duas columnas de
todos os jornais republicanos - e suas
promessas ^{promessas e compromissos} e os largos e vibrantes dis-
cursos dos seus representantes, foram
avidamente lidas em todo o país,
entusiasmando o povo.

João Franco pro uma lista con-
de fazendo aprovar algumas leis
de reconhecida utilidade e que
os republicanos tinham inseri-
das no seu programma. Tal se
de descanço dominical no Comer-
cio - que lhe deu a título altura a
simpatia do caixairoto.

Por todo, porém, por monarqui-
cos das outras faldas e pelos re-
publicanos comete a impruden-
cia de se colocar em d'atraso, fe-
hando o Parlamento.

Seguidamente vari visitas
o país, sendo visitado em Coim-
bra, Porto e outras cidades, em
de os populares travam um

tos com a força pública.

Orillora não podendo fazer
ouvir a sua voz no Parlamento
os republicanos não param con-
tudo com a propaganda ata-
cando, puzo em sessões publi-
cas, quer na imprensa, a di-
tadura. Dahi a vontade
de João Franco de portar os re-
publicanos de todos os pontos
alguns dos quaes já se encontra-
vamos presos. Então redige-
o famoso decreto de 31 de janei-
ro de 1908 - que a Rei assinou em
Villa Vicosa - e que obrigou o
governo a deportar todos os ele-
mentos que o estorvavam.

Manuel dos Reis Bruges e
Alfredo Costa fazem, porém,
fracassar este magnifico
plano movendo, simulta-
neamente com o rei e com o
parceiro de Luiz Filipe, a
guerra de 2 de Fevereiro
Páris no Jure, graças



errôneas, como as piores. 2.º Codomo

D. Manuel ainda em paralisia
inherbe, succede-se ao pai chamando
do para formar o governo ^{alumni parti} terreno
do Amaranth.

Este como face do nervosismo
que reinava aconselha o rei a
um gesto de acalmacão, abrem as
portas das prisões a todos os presos
políticos, o que se fez.

E logo em Abril - a 5.ª dá-
-se novas eleições - que ficaram cé-
lebres pelos incidentes do kango
de S. Domingo, onde um popu-
lar, ferido mortalmente, ainda
pôde escrever, com o próprio
sangue que lhe passava ^{do ventre} ~~do~~
testinos o grito de "Viva a Repu-
blica!".

O grupo de J. M. de Albuquerque
dos Desideratistas une-se aos re-
publicanos preparando um mo-
vimento para o 2.º de Janeiro de
1909 que, quando descoberto



ginga a prisão de Aguiar Costa,
ant. J. de A., Egar Morais, Pe-
sco, Prava, Vinconde de Almeida
os três monárquicos desistiram
- João Chagas, etc.. (As principais
prisões foram feitas no antigo chro-
no da Bibliotheca)

Sob os preceitos de Frei Estevão e Clemente
- Bibliotheca Prava e Egar Morais ade-
rem ao Part. Rep. Port. - são nítidos
notando a trabalhar activamente
para a proclamação da Republi-
ca. A "Carbonária" - organiza-
ção revolucionária dos republicanos
- funda a base de grupos de 5 indivíduos
dos que por sua vez agrupavam
a si outros tantos, com o objecto de
serem a sua accção. Desem-
penha-se nos trabalhos desta autarquia
Alameda da Selva, Seixo de Almeida,
Machado do Souto, Marmelada de
Campos. Tendem a prestar o seu
Fazem-se comícios, reuniões
em Seixos, Comelões e Fortes



sendo os ordens - especialmente Ant.
José de Almeida, e Afonso Costa, vi-
brantemente applaudidos.

Com toda a certeza desapparece d'este
certo estabelecimento do Estado uma
encomenda de 30.000 cartuchos pa-
ra espingarda, para o exercito. A-
tribua-se a responsabilidade d'isto pa-
ra cima da Carbonaria, não tardan-
do a policia a descobrir o seu autor
material. Este foze prisioneiro, a quem
se para o sr. A familia e au-
thorizada e para elle vai tambem
dinheiro... O individuo e costume
insaciavel. Quere mais e amica
a desvendá-lo e repô-lo a policia...
E' convidado a regressar a Portugal
"onde lhe assignaram uma boa
colocação" - e dias de pois do seu
regresso aparece morto na Boes-
da Inferno em Cascaes. Quem
foi?... a minha faz declaracões que
incriminam os pastores da p...



Então, então em cima o falado juiz
Veiga que passou algum tempo
de moresas investigações - durante
as quais foram feitas muitas
tas prisões de indivíduos de cui-
mos responsabilidades - e seminte
deixando toda a parte intrigada...
Disse-se que o próprio filho tam-
bém pertence a Carbonária...
Segue-se um outro que não tarda
também a desmitificar-se ficando,
por fim o caso o culto, no ar
tério... Este é o proclamação da
República a Carbonária, mantendo-
se forte e considerada. Os suspi-
ditos eram constituídos na grande
maioria por operários. De pro-
prio, do proclamação de que se co-
meçou a engrasari com ar-
vistas de todo o lado que não tar-
dava a fugir - la degenerar, an-
tando-a. Enquanto teve so' opor-
tunidade...

Leis oportuno registar que muitos
nos acompanhando estiveram já de
vergensias neste alguns dos muitos
meios destacados de propaganda.
Principalmente no Porto, de poi-
do 31 de Janeiro dirigindo Afonso
Costa o "Morte" e João Sampaio (Br-
no) "A Voz Pública" surgiu entre os
dois uma divergência que aparent-
ment se resolveu num congresso reali-
zado em Coimbra, voltando a re-
vir, no Porto, devido em parte a
Covagem de Torres. As coisas a-
zudam-se e unifica Afonso Costa
arruado fureta, bençolla espere,
Sampaio Bruno, Velho e pua-
ai ego e tra-o valentent.
Este gressão indignou a maior
parte dos republicanos do Porto
acabando Af. Costa por se des-
par para Lisboa na companhia
de Germano Meantim que...

cartorio aberto com A.C. Depois
desembarça-se em um grande conflito en-
tre este e Hornemann Cristó. Afonso
Costa tomou parte como advogado
de defesa no julgamento de Djal-
ure de Arz ebede por falsificação
de títulos. Durante as audiências
A.C. afirma os princípios
repul. do rei o que sabendo H.C.
nítica por segundo este tratado e
dum Hadrat. Em conversas parte
anar Af. Costa esclarece que aquil
o crime de Djalure se resumia a
seu pueril arranjar dinheiro para
a implantação da Rep. H.C.
adote eutar nos sem atropes - no
sem já a célebre "Povo de Arz", di-
do que quer uma República mas
sem gaturon e que Af. Costa, d'ca-
pa de les. Mas que estipiu 36 mil
tos por seu julgamento - o célebre

juizamento de Estevão Ribeiro que
tanto nome havia de dar a A. Costa,
(Estevão Ribeiro encarrega o seu tes-
tamenteiro de administrar a sua for-
tuna dum 600 contos, tendo sempre
em conta um seu filho natural e
um devento. O filho, porém dum
fampuro de Pórt - casa Fonseca,
sabendo disto indusse uma
sua amante a apresentar uma
filha como filha de Estevão Ribeiro.
Foi a volta disto que o julgamento
giron) H. Cristó diz eutar que isto se
é ganhar dinheiro e roubar.
"O Mundo" pela pena de Francisco Bor-
ges e outros atacam Hornemann Cristó.
Em dada altura A.C. desafia o juiz
dual, porém ele de acordo com os
seus princípios recusa-se a cele-
brar em tal falsas. Isto no me-
tanto no dispo. de Af. Costa para
tudo e em qualquer parte.

to principalitudo - pois o movimento tinha sido iniciado anteriormente para 8 ou 10 - alguns elementos militares que deixaram, originando a retirada de Putumayo de outros - Alvarez de Castro, etc. - e o suicidio de Comodoro de Aguiar que representava no Comité Revolucionario mais a unidade. Si graças à coragem de alguns soldados e aos machados de Santos no tempo grande maioria não abandonou totalmente a Putumayo. Finalmente começaram a juntar-se-lhes outros elementos, especialmente civis e à tarde a vitória republicana e foi virável. As forças da monarquia foram mais que suficientes para esmagar a pequena minoria de rebeldes, porém impondo-os a mais numerosos porcos reagiram.)

Proclamada a Rep. da - se logo depois da eleição presidencial a aprovação da Constituição - 19-5-1911 -

uma lista no P.R.P. que seria a única existente... Af. Costa ficou à frente daquela e a 7 de 9, Brit. C. e Aristas Brunes passaram a chefiar a "União Republicana". Mais tarde designa-se deste grupo B. C. a maioria sendo conhecido desde então pelo Partido Camachoista - e fundado o Partido Esquerdista. Por altura do sidaris mo - 5 de Dezembro 1917 - Odlando Manaf, J. da Fonseca, Leper de Oli. Procopio de Freitas, fundaram o Partido Republicano. Alvarez de Castro fundou o Partido Liberal.

Cumbr. Local o Nacionalista.

J. D. do Santos o Esquerdista, ai por 1923.

Logo nos primeiros tempos da República abertam no Parlamento diz acerto grave entre os elementos desta cedor da Rep. Af. Costa e o elemento mais visado. Sem a propozi

referiu numa das reuniões da campanha
nha que lhe mostraram: antes da
proclamação da República grande
promete dar-lhe uma casa dos arredores
de Lisboa logo que expulso fosse
um facto. Assim ampuer
ago. Cost. era então ministro da jus-
tiça e para fugir às despesas que uma
transmissão indirecta originava con-
tinuou com grande simular uma
recado e, o que é peor, dar à casa
para fugir às expensas contra beni-
ções, um valor muito mais bai-
do do que o real.

H. C. conhecido desta fez uma
forte campanha no "R. de Avesso" e
João de Freitas levanta o questiono
no sentido, desligando-se do Partido
Evolucionista. H. C. propõe
que elle se doide já havia intento o eritao ele
vai procurando ao Porto para o mag

tar. Não o encontro mais em J. Braga
e desigraça lhe deu tiro que lhe rendeu
uma filha. João de Freitas comete por
mais quando republicano. (1)

Contra Alexandre Braga levanta-se
tambem uma grande campanha, pois
acusam-no - parece que com grande
fundamente - de procedimento immoral
no caso das eleições da Fajalva.

Enfim as desinteligencias foram
desde muito cedo profundas e gran-
de entre os republicanos, dando ori-
gem a que a 1914 o presidente da
Rep. - M. H. - entregasse o gover-
no a Pimenta de Castro que resolveu
indulgar a favor de todos os postu-
ros tendo a fechar o Parlamento.

Em 14 de Maio de 1915 rebenta por
um novo escandalo em Lisboa que o
vance depois de se ter instalado em
Mossanto, partido na Retirada.

(1) Ver Coimbra e Costa



por marinheiros, civis e militares.
Foi nesta revolução - mais sangrenta que o 5 de Outubro - que se deu a traicão dos cadetes na Escola de Jureira. No dia 16, domingo, faltava só dezoito horas para o fim. Civis e marinheiros atacaram - mas acabando os rebeldes por izar a bandeira branca. Com medo desta apulsa avançaram para lá a vontade sendo por um dezimo dos rebeldes logo que chegaram em frente dos portões: os cadetes atacaram-nos à metralhadora, cometendo assim uma verdadeira atrocidade. E' indizível o desespero dos que se salvaram! A notícia correu célere pela cidade acordando ali centenas de pessoas indignadas, envereadas. Os cadetes são por fim desarmados sendo mortos muitos e presos alguns que o povo vaia indignadamente.

27 de abril 1912

antes, porém, de 14 de Maio, em 1912 Machado do Santos e o coronel Martins de Lima, revoltaram-se e entãõ abrigaram-se na covejaria Jansen sendo, porém dominados rapidamente. Descontentamento...

14 de Maio de 1915

5 de Dezembro de 1917

Sidónio Pais revoltou-se, conseguindo conquistar parte do exército com a promessa de não ir mais a guerra para a guerra, vencendo. A princípio alguns republicanos - Camacho, etc. - estiveram com ele. De pois abandonaram-no, sendo o ideal de fazer quinquenários.

12 de Outubro de 1918

Movimento anti-sidonista, que teve bom êxito em Coimbra e Guimarães.

1918 - Revolta de Santarém com Álvaro de Castro, Cunha Secal, Frange. Também sufoca

da.
Janeiro - Fevereiro 1919

Monumento monárquico do Norte. O ministro da guerra do governo então vigente da presidência de Tanuaguan Barboza, está conduzindo com os dezentos monárquicos que se preparam para implantar a mon. As suas ordens, fazerem-se transferências de material de guerra para cidades estratégicas. Antes, porém, do monumento deflagrar dá a sua palavra de honra a Tanuaguan que não conspira e demite-se.

19 de Outubro 1921

Monumento radical que degenerou numa chacina de alguns rivais da política: Grunjo, Machado dos Santos, Carlos da Maia...

Sobre um governo chefiado por Manuel Maria Coelho que não tarda a cair.

18 de Abril 1925

Monumento singular por Felmeiro da Câmara, Simeão de Cordes, Raül Esteves Botelho Moniz

19 de Junho 1925 Jidena Cabecadas

2 de Fevereiro 1926

Preletos de Alameda com M. J. J. J.

27 de Maio 1926

7 de Fevereiro 1927

20 de Julho 1928

3 Abril - 2 - Maio 1931 J. J. J.

26 de Agosto 1931

10 de Setembro 1935 Mendes N.

8 de Setembro 1936 Maranhão



municipios e comarcas proprias
mencionadas. Com. Alameda que
havia, mais tarde, de se ungar
desta parthida dos estudantes, de do
povo obstaculizando a entrada de
el y el no corpo do ante do respec
tivo Universidade

Notas

Yocha Martins republicano
no tempo da Monarquia
faz-se monarchico na repub
lica

Paulo Freire monarchico ou
deito abaixo nos republicanos por
causa, dizem, de S. Carlos, presi
dente da C. do Dep. ter impedido
a sua entrada ali como redac
tor, adere ao Part. Dem. f.
no. Ditadura.

Machado Barreto monarchico - re
monarchico até a proclamação
da república.

Fernão Junior, ex-monarchico



espremidito director da cadeira, e
foi a sua novidade estudantil
anarquista

Quibal Soares tambem anarquista
ta quando estudante aderiu depon
ao grupo de Franco.

Alfredo Timentes passa do anar
quismo para a Rep. e desta pa
ra a monarchia.

Cisões nos antes da proclamação
da republica os monarchicos ci
dun-se dando-se no velho Par
tido Regenerador, alim da cidade
de Y. Franco a de Campos Ferraz
e na chefia de padre de Valença,
por morte de H. R., e de Wens
ulane de Lemus na chefia de Jac
cino de Souza.

No Progressista du-se a de Y. M. ad.
nas eleições, porém, todos estes gru
pos se uniram para fazer um
partido republicano.

